

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação  
**Fazenda Babilônia**

código  
**AI - FO4 - Res**

localização  
**Boca do Leão**

município  
**Resende**

época de construção  
**século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**pecuária leiteira / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

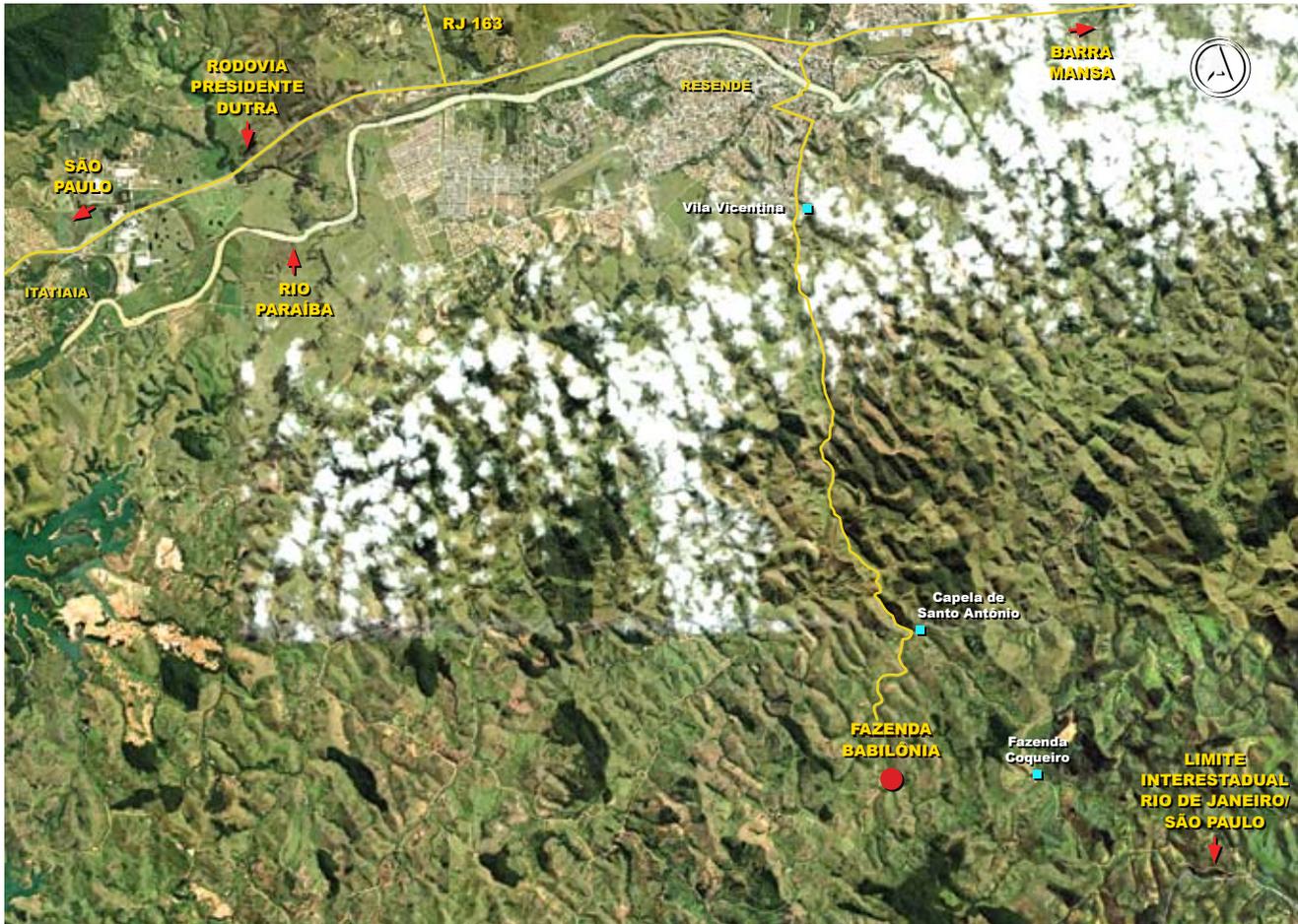
proprietário  
**particular**



acesso principal da Fazenda Babilônia

coordenador / data **Raymundo Rodrigues - jan 2009**  
equipe **Ariel Rodrigues, Ian Pozzobon e Marcos Reco Borges (levantamento de campo) Jovina Coli (AutoCad)**  
histórico **Adriano Novaes**

revisão  
**Coordenação técnica do projeto**



situação



ambiência

A fazenda dista cerca de 12 km da zona urbana de Resende. Desta cidade, tomando-se o caminho para a Boca do Leão pela Vila Vicentina – uma das saídas mais antigas de Resende no sentido da Serra da Bocaina e para o estado de São Paulo –, na bifurcação da Capela Santo Antônio, na localidade do Estalo, entra-se à direita e seguindo por mais 3 km, encontra-se a Fazenda Babilônia.

Considerada uma das mais primitivas vias de acesso a cidade, no século XIX as fazendas que cultivavam café nessa região utilizavam-se desse caminho para escoar sua produção até Resende, onde era estocada até seguir por via fluvial para o Rio de Janeiro.

Circundada por morros que servem de pastagem, a casa-sede esta voltada para o quadrante noroeste. Ao sudoeste, vegetação densa junto a um açude com aproximadamente 1 km<sup>2</sup>, abastecido pelo Córrego Taquaral (f01). Ao sudeste, elevação menor com vegetação de porte médio (f02), antecedendo outro açude com área superior a 2,5 km<sup>2</sup>, abastecido por tributário do Córrego Água Limpa. Essas águas serviam ao engenho, através de canalização sobre pequeno aqueduto de pedra (f03). Imediatamente atrás e ao leste da casa-sede densa vegetação compõe a paisagem, com espécies nativas e exóticas como espatódia, jacarandá mineiro, imbaúbas, ipês etc.

A casa-sede foi implantada na base de um morro que se pronuncia ao sul. Com a ampliação da parte posterior da construção o morro foi cortado, criando um contraforte com altura de 5 a 6m e base de arrimo de pedra (f04).

Foi identificado o terreiro de café da fazenda – que está localizado em frente a casa-sede –, atualmente sendo ocupado em parte por um estábulo para equinos. O terreiro de café com planta retangular é cercado por uma murada de pedra seca, tendo pelo seu lado direito a calha do aqueduto já citado anteriormente (f05 e f06).



01



02



03



04



05



06

Construção típica do século XIX com influência setecentista. Mantém cobertura em quatro águas com telhas de barro tipo francesa (f07), simetria entre os vãos, janelas com guilhotinas externas e folhas cegas internas, todas com portais de madeira de seção quadrada (f08). Internamente, bandeiras sobre as portas caracterizam a influência neoclássica, comum ao período da construção (f09).

A existência de duas alas na parte posterior da casa-sede, perpendiculares à fachada principal e entremeadas por estreito pátio interno, revela intervenção que modificou as relações volumétricas entre o corpo original da construção e esses apêndices (f10), gerando telhados, sobretudo o do lado esquerdo, para quem olha a construção de frente, incompatíveis com a geometria do original (f11 e f12).



07



08



09



10

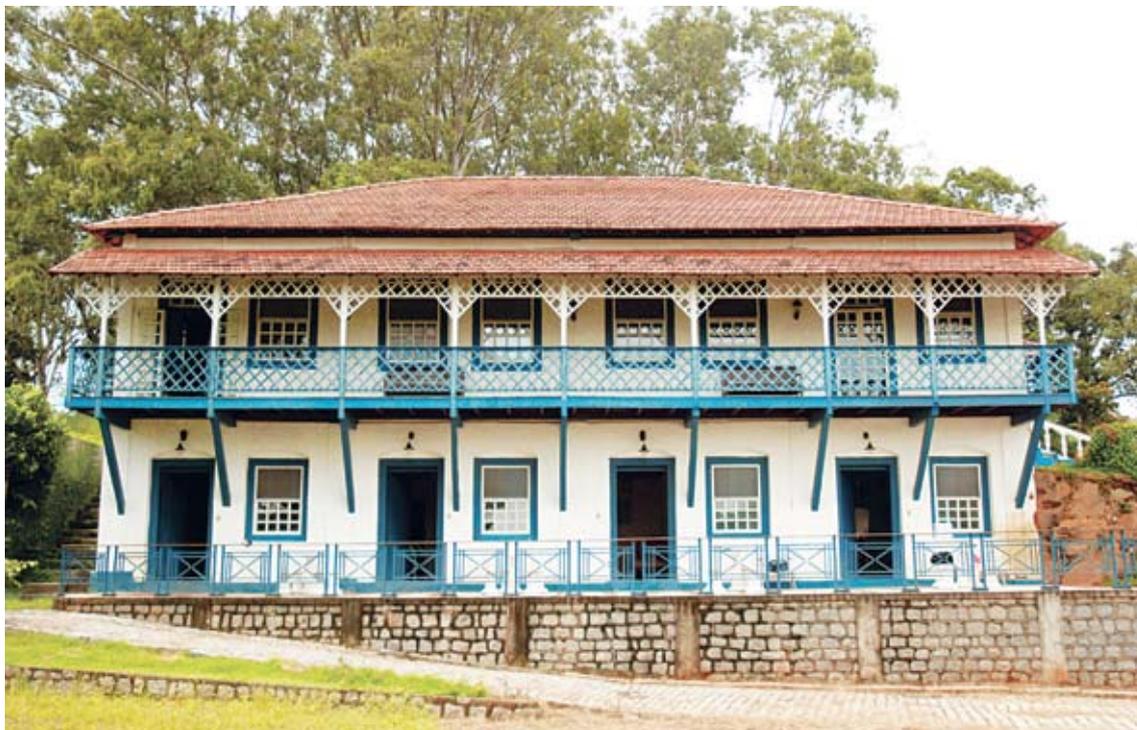


11



12

Os alpendres, na fachada principal e lateral esquerda, e o alpendre e sacada – ambos à moda de copiar – na fachada lateral direita, não correspondem à volumetria original. Provavelmente, o alpendre da fachada principal tenha sido fruto de uma antiga intervenção, dessa forma, já incorporado à leitura da composição, como se fosse original. Porém, cabe ressaltar que soluções com acréscimo em coberturas de quatro águas raramente refletem-se em boas soluções (f13). As coberturas dos copiares na lateral direita são desproporcionais em relação a esta fachada, e mesmo entre si (f14).



13



14

Internamente percebe-se uma construção que utiliza materiais e feitura contemporânea, com pisos vitrificados, bandeiras de portas estilizadas, barrados nas paredes de materiais variados e forros de madeira, desde os mais simples até os mais detalhados (f15 a f18).

As atividades produtivas da Fazenda Babilônia giram em torno da pecuária leiteira e criação de cavalos, tendo havido, obviamente, adaptações funcionais para este fim. Os proprietários utilizam a casa-sede ocasionalmente. Apenas o caseiro e família residem na propriedade (f19).



15



16



17



18

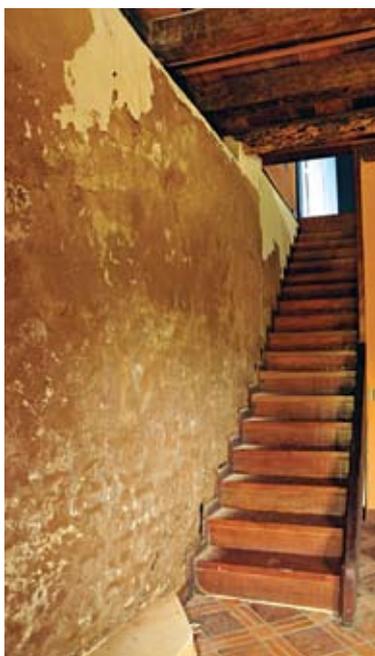


19

As construções da propriedade encontram-se em bom estado de conservação. Entretanto, a casa-sede apresenta patologias, fruto da existência de umidade ascendente e descendente. Na parede, junto à escada que liga o pavimento térreo ao superior, há perda de material por excesso de umidade, devido à ocorrência de infiltração descendente através da escada externa, localizada do lado oposto da interna (f20 e f21).

Também foi detectada umidade, dessa vez ascendente, junto aos dormitórios da ala direita. Deduz-se que o corte do morro imediatamente atrás da casa-sede não tenha, no momento da ampliação desta, rebaixado suficientemente o lençol freático. Assim, o curso d'água subterrâneo ali existente manifesta-se com maior intensidade. Em decorrência desse fato há grande perda de material em paredes, sobretudo na base das mesmas, observando-se, inclusive, o depósito de sais (f22 e f23), que poderão ampliar a escamação da argamassa, bem como a redundar na pulverulência da alvenaria.

Ainda na ala direita da ampliação, a execução do encontro dos telhados não foi feita de maneira adequada, resultando num rincão mal dimensionado, o que causa, quando de chuvas muito fortes ou continuadas, umedecimento excessivo da parede externa do pátio (f24).



20



21



22

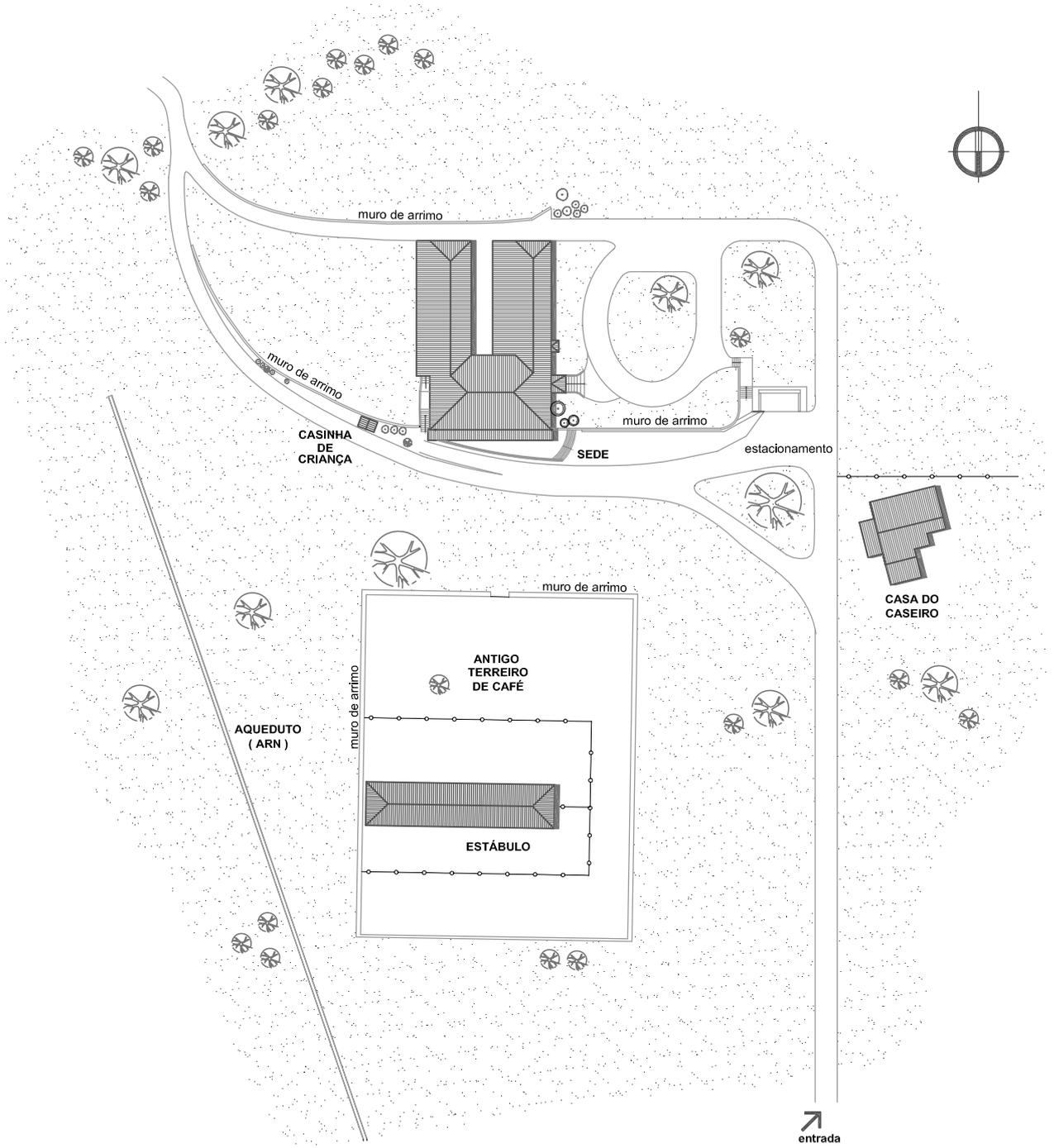


23



24

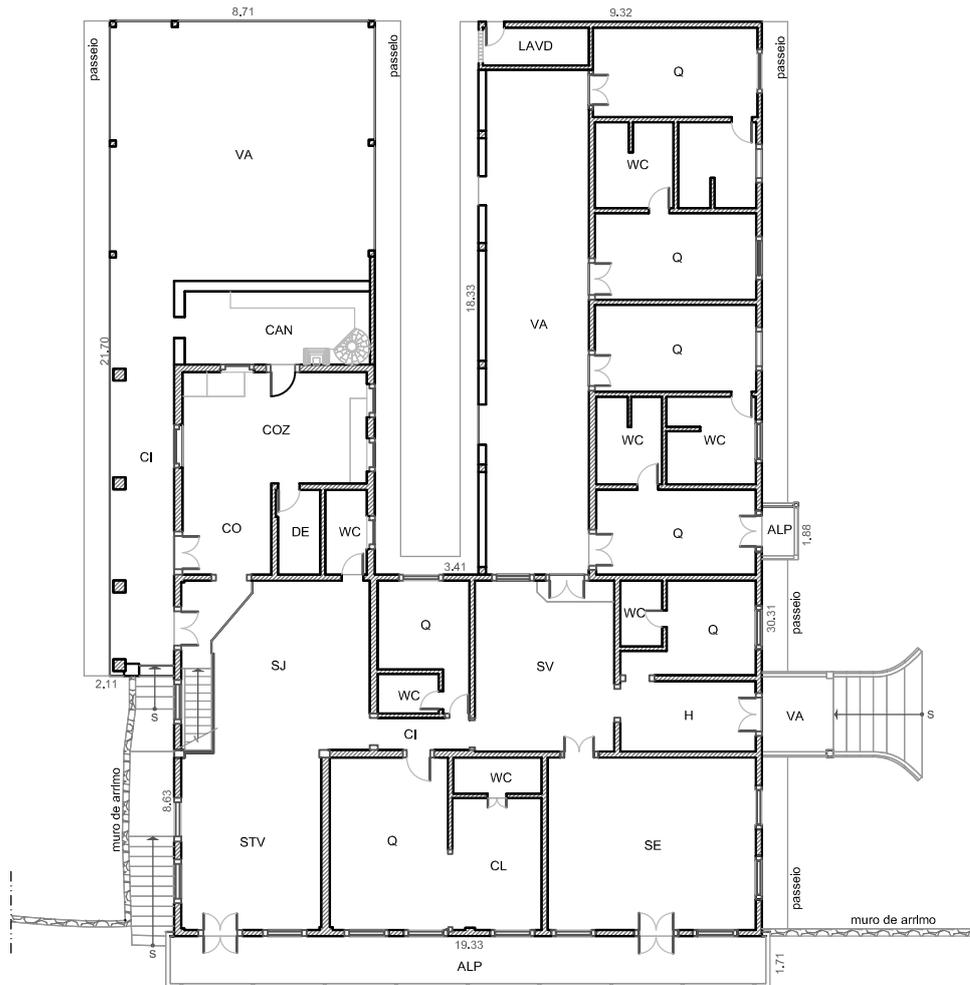
# FAZENDA BABILÔNIA



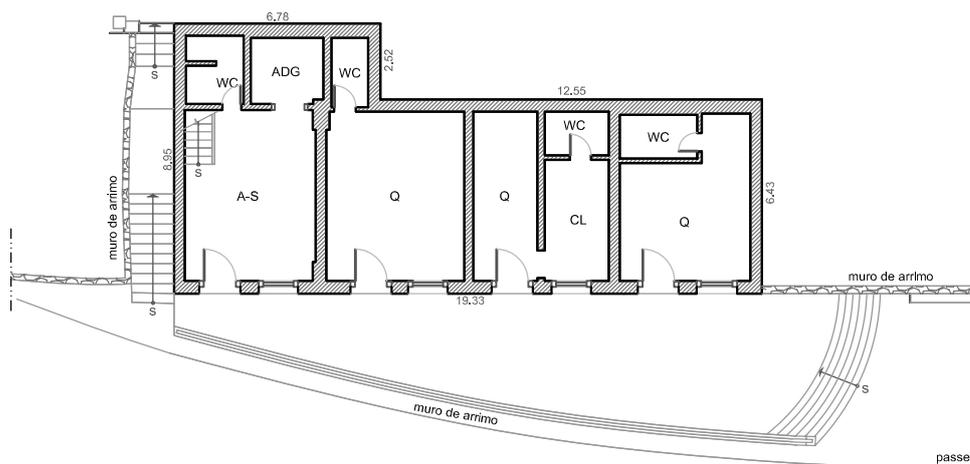
**1** Implantação  
escala: 1/1000  
0 5 10 40

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense		AI - F04 - Res	<b>1/2</b>
equipe: M. Borges / R. Rodrigues / A. Rodrigues / I. Rodrigues	desenhista: J. Coli	revisão: Francyla Bousquet	data: jan 2009

**FAZENDA BABILÔNIA**



**2** Planta Baixa da Sede - 2º PAV.  
escala: 1/250



**1** Planta Baixa da Sede - Térreo  
escala: 1/250



ALP - alpendre	CAN - cantina	CO - copa	H - hall	SE - sala de estar	VA - varanda	alvenaria existente
A-S - ante-sala	CI - circulação	COZ - cozinha	LVD - lavanderia	SJ - sala de jantar	WC - banheiro	alvenaria demolida
ADG - adega	CL - closet	DE - despensa	Q - quarto	STV - sala de TV		

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AI - F04 - Res

**2/2**

equipe:  
M. Borges / R. Rodrigues / A. Rodrigues / I. Pozzobon

desenhista:  
J. Coli

revisão:  
Francyla Bousquet

data:  
jan 2009

Localizada no lugar hoje conhecido como “Boca do Leão”, a Fazenda da Babilônia foi, no século XIX, uma das propriedades de D. Maria Benedita Gonçalves Martins, que chegou a possuir mais de dez fazendas em diferentes áreas do município de Resende.

Maria Benedita Gonçalves Martins tornou-se quase uma lenda em Resende. Numa sociedade basicamente comandada por senhores de escravos, onde por força da lei as mulheres tinham seus direitos reduzidos a quase nada, algumas, por força das circunstâncias, conseguiram ocupar papel de destaque na influente sociedade fazendeira do Vale do Paraíba. Esse foi o caso de Maria Benedita Gonçalves Martins, que herdou terras e cafezais do marido e em estado de viuvez atuou por diversos anos em distintas atividades empresariais, culturais e sociais em Resende. Ela foi sem dúvida uma das mulheres mais empreendedoras na região do Vale do Paraíba, pois chegou a ser conhecida pela alcunha de “a Rainha do Café”, dona e dirigente de cerca de dez fazendas, que totalizavam uma produção de 40.000 arrobas ao ano (ARDHIS, 2001, p.39).

Nasceu em Resende em 1809, filha do tropeiro e depois cafeicultor comendador Manoel Gonçalves Martins, com a índia Puri Ana Maria Tereza de Jesus. Casou-se com Joaquim José Martins, também grande proprietário de fazendas na região, com quem teve nove filhos. Faleceu em 1881. Foi proprietária, além da Fazenda da Babilônia, de outras como: “da Serra”, “da Cachoeira”, “do Tanque”, “do Penedo” e a chamada “Fazenda Velha”. Outro exemplo do dinamismo de D. Maria Benedita Gonçalves Martins, responsável por ações bem diferentes daquelas preconizadas por mulheres de sua época, foi a iniciativa da campanha de vacinação em massa, pois havendo o risco de uma série de epidemias como a varíola de 1876, ela providenciou o treinamento de vacinadores, bem como a aquisição das vacinas. Colaborou também com doações financeiras e materiais para a construção e manutenção da Santa Casa de Misericórdia de Resende, fundada em 1835. Organizava campanhas, festas, quermesses, bingos, cujos recursos arrecadados eram destinados por ela à causa da educação no município. Aos jovens estudantes deu especial atenção, principalmente aqueles com dificuldades financeiras. Como a maioria era aspirante à formação de médico e advogado, cursos que só existiam na Corte ou em São Paulo, ela procurava ajudá-los, bem como aqueles que gostariam de seguir a carreira sacerdotal, encaminhando-os a Ouro Preto, Diamantina, Mariana e a outros seminários em Minas Gerais (ARDHIS, 2001, p.39).

Criou uma banda de música formada por seus escravos, que ficou famosa graças à sua habilidade. Seu regente era um negro contratado em Bananal, por intermédio do barão de Bananal, que também teve uma banda no mesmo estilo. Os ensaios, geralmente realizados na Fazenda da Serra, eram feitos com instrumentos trazidos da Europa e uniformes feitos no Rio de Janeiro, ao estilo das fardas usadas pelas milícias, com polainas e quepes. Sua banda passou a ser presença obrigatória nas festas realizadas por ela no seu sobrado em Resende, em suas fazendas e, também, nas celebrações religiosas e cívicas (ARDHIS, 2001, p.39).

Por ocasião de seu falecimento, a Fazenda da Babilônia coube a seu filho Antônio Augusto Martins, que, assim como sua mãe, foi também um dos maiores produtores de café em Resende.

Em 1885, realizou-se em Resende uma Exposição Regional entre os produtores, que contou com participação de 66 expositores resendenses, com produção variando de cem a dez mil arrobas. A maioria utilizava as máquinas “Lidgerwood” para beneficiamento de seus produtos. Entre os expositores estava Antônio Augusto Martins, que nesse ano exportava em média 5.000 arrobas de café (WTHELY, 1987, p.64-7).

Na década de 1940, Antônio Durcésio Mello e Lelé Caldeira compraram a fazenda que pertencia, então, a Francisco Lopes, dando continuidade à fabricação da famosa cachaça com a marca Babilônia. Foi da pedreira existente nesta fazenda que saíram as pedras de calçamento de várias ruas da cidade de Resende. Em 1999, ainda pertencia à senhora Noêmia Mello, viúva de Durcésio Mello (WATHELY e GODOY, 1999, p.III).